

Mesa: Psicodrama e política – corporeidades poéticas

Autor: André Marcelo Dedomenico

Tema: Desgourmetizar a prática socionômica

Congresso Brasileiro de Psicodrama - Gramado/2020

Mini-curriculum: médico psiquiatra e psicodramatista didata. Coordenador dos atos socionômicos do Centro Cultural São Paulo de 2015 a 2016. Professor do curso de Psicodrama do DPSedes - Instituto Sedes Sapientiae/SP entre 2015 e 2018. Autor de livros e artigos em psicodrama.

Resumo: A presente explanação descreve um caminho de problematizações do fazer psicodramático, oferece a possibilidade de entendimentos diferentes para antigos conceitos metodológicos da socionomia e entende a necessidade de uma (re)invenção constante dessas ferramentas de trabalho a fim de que não se reproduza de modo consciente e/ou inconsciente o mesmo a que se está a combater da perspectiva clínico e política.

Palavras chaves: psicodrama, política, criação, gourmet.

Desenvolvimento do tema: A presente fala para essa mesa constrói-se a partir dos trânsitos pelos vários territórios socionômicos, quer sejam em vivências públicas onde se utilizou tal metodologia, em leituras de artigos da revista brasileira de psicodrama (RBP), em congressos, jornadas, em aulas de curso de formação ou em abordagens

psicoterápicas. Chamo aqui de território psicodramático, todos esses trânsitos que nos concernem ao exercermos o papel de psicodramatista. Um território antes de ser geográfico é semiótico, e diz respeito ao modo como nos constituímos nesse papel, os signos que dele emanam, os enunciados que o atravessam e reverberam por nossas bocas, as interpretações já naturalizadas de pautas de condutas que insistem em nos rodear. Não habita-se um território, vive-se nele, é-se constituído por ele e o constituímos. O papel de psicodramatista é o próprio território de onde desempenhamos tal papel ao mesmo tempo que ao exercê-lo damos vida a tal território.

A partir desses percursos certo diagnóstico socionômico da própria metodologia e movimento psicodramático tem sido constantemente produzido ao tentar desnaturalizar tal prática de conservas que persistem em seguir adiante apesar da mudança dos tempos e da necessidade da clínica psicodramática. Chamo de clínica psicodramática a resultante dos vetores metodológicos implicados na produção do homem moreniano, espontâneo e criativo, quer seja nas abordagens psicoterapêuticas, quer seja nas demais abordagens (educacional, sociodramática, organizacional, etc.). Entendendo que toda ação clínica é também uma ação política, no sentido da produção de um certo tipo de existência social ou na impossibilidade de legitimar sua existência.

Tal diagnóstico possibilita um olhar que poderíamos aqui chamar de metapsicodramático, o qual tem por função analisar as ações realizadas enquanto psicodramatista, os desvios de rotas cristalizadas nos papéis, as repetições que levam ao mesmo, os movimentos instituintes e/ou instituídos das consígnas dadas pela direção numa abordagem psicodramática qualquer.

Chamo aqui de “psicodrama gourmet”, certa tendência no papel de psicodramatista em (re)atualizar velhas conservas culturais no modo de entendimento da ação dramática, nos seus conceitos já datados e naturalizados como verdades que devam ser reproduzidas pela eternidade, sem levar em conta que cada conceito e cada ferramenta de trabalho de um psicodramatista tem uma razão de existir em função do momento sócio histórico em que se vive e no qual foram criados. “Psicodrama gourmet” que mais vai de encontro ao que já está instituído, pronto para consumo, que mais reproduz o *status quo* do que cria novas possibilidades de existência no campo social. A desgourmetização dessa prática passa pela sua própria análise, na criação de novos entendimentos para antigos conceitos, na desnaturalização da própria prática.

Minha explanação nessa mesa desdobrará os enunciados acima e oferecerá proposições ou dicas de desgourmetização da ação dramática.

Referências Bibliográficas

1. Dedomenico, A. M. A funcionalidade do conceito de papel. *Rev. bras. psicodrama*, 2013, vol.21, no.2, p.81-92.
2. Deleuze, G. Foucault. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1991.
3. Deleuze, G.; Guattari, F. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.
4. Deleuze, G. Guattari, F. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo. Ed. 34, 1997.
5. Guattari, F. Caosmose – um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 2006.

6. Guattari, F. e Rolnik, S. Micropolítica – cartografias do desejo. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
7. Lazzarato, M. O governo do homem endividado. Trad. Daniel P. P. Costa. São Paulo: n-1 edições, 2017.
8. Orlandi, L. B. L. Apresentação. *In*: Aragon, L. E. P. O impensável na clínica: virtualidades nos encontros clínicos. Porto Alegre: Sulina, Editora UFRGS, 2007.
9. Passos, E.; Kastrup, V. e Escóssia, L. (orgs.). Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
10. Rolnik, S. Esferas da insurreição – notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições. 2018.
11. Zamboni, J. Oliveira, S. P., Canal, F. D., Barros, M. E. B., & Cordeiro, P. S. (2014). Os “dramas” de J. L. Moreno e a filosofia da diferença. *Psicologia & Sociedade*, 26 (2), 261-270.